

Prefácio

O bôbo e o poeta - inocuos, pois não? Engano completo: ambos foram grandíssimos factores revolucionários na Idade Média e pelos tempos afóra até o Romantismo, até o Eterno Feminino de Goethe, até hoje, até sempre. Contra a suposta superioridade do macho na Idade Média, o poeta louva a mulher e é incontestavelmente o primeiro protesto anti-guerreiro do mundo em favor do amor, a primeira revolta contra o estúpido pater-familias daqueles tempos.

A poesia ainda é a força fraca que se levanta para purificar o ambiente onde a ferocidade do homem instala a tirania e a opressão; ainda é um meio do homem ultrapassar os seus limites e de os dilatar com as perspectivas de um universo maior, ainda é uma força neutralizante contra o espirito de retórica e de desilusões sobrevindas ao fracasso das humanas reformas sociais. A poesia ainda desaponta por completo o senhor burguês. A poesia ainda fala hoje a verdade da mesma forma que os bôbos do feudalismo eram os unicos sêres a quem se permitia trazer a realidade em frente aos senhores prepotentes.

O barão apesar de toda a sua valentia e apesar de dispôr de tantos bens não possuia o olhar ás vezes glorificador das mulheres; esse olhar o poeta sem armas e apenas com a sua divina insania possuia. Deste modo, o senhor feudal precisava na intimidade de seus castellos de outro comensal sobre quem avultasse e servisse de cotejo no concurso cotidiano de excellências. E assim enquanto o bôbo commettia gaffes sobre gaffes o barão ostentava perante as damas o seu brilho já um pouco

Ofuscado pelo poeta. O barão sorria então complacientemente, fazia do bôbo - seu predileto, defendia-o contra o odio do resto da familia ar-repiada com as suas pilhérias quasi sempre irreverentes e duras. O car-go de bôbo foi desta sorte ficando lucrativo, pois o bôbo com o seu pres-tigio junto ao barão arranjava bôas coisas para a sua familia, perambu-lava nas salas dos banquetes e podia até ingressar nos aposentos das se-nhoras, o que não acontecia com o poeta vigiado pelo ciume do barão. As-sim, o emprego de bôbo tornando-se disputado já não era o idiota da al-deia que o desempenhava como no começo, mas sujeitos atilados que se faziam de meio malucos para gozar das melhores regalias dentro dos cas-tellos. A sinecura sendo tão optima houve um tempo em que o poeta atraí-çoando a poesia virou bôbo tambem, e se metteu a fazer jocosidades jun-to dos poderosos para cavar vantagens. Ainda vêmos no Brasil Gregório de Matos usar esse processo e ser bem sucedido até o dia em que as suas satiras não attingiam os proprios protectores; então era despedido. Mas logo adiante outro senhor de engenho o acolhia e o capadocio engraçado ia vivendo na sua dupla função de bôbo e de poeta. Os poetas contem-poraneos são porém mais praticos junto do poder: viraram apenas adula-dores e estão dispostos a renunciar a poesia todas as vezes que o hur-guês inimigo della assim achar conveniente. Porém nos bons tempos feu-dais o bôbo representava na verdade a censura no castello. O barão re-conhecia que esses formidaveis contadores de verdade eram necessarios. Primeiro a verdade foi dita em forma de delação. Ao regressar das aven-turas demoradas por terra estranha o bôbo contava as faltas cometidas pela familia durante a ausencia do senhor. Depois o bôbo virou censor e em qualquer logar podia mangar livremente de todas coisas mangáveis da época. Ficou uma especie de espelho em que a sociedade podia reflectir

o seu ridiculo para corrigir-se. No momento da piada ninguem ligava: o homem era bôbo. Mas o censurado, de certo iria evitar a amolação do censor, e se apresentava no dia seguinte sem o vestuario destoante, sem o ademane irrisorio da vespera. O unico que podia mesmo usar os trajes mais extravagantes, fazer os gestos mais mirabolantes, dizer as coisas mais indiscretas e verdadeiras era justamente o bôbo. O resto do castello vivia num constrangimento enorme. Dizem que as damas de certo castello deram de usar dependuradas dos quadris - penas de pavão ornando as saias; então o bôbo começou a usar nos seus calções as ditas penas e as senhoras inovadoras desistiram. O bôbo com o seu punhal de madeira, sua gola de rendas era a criatura mais multicolorida das côrtes: junto do amarello que era a côr dos bôbos, predominava a purpura dos reis e o raro amarantillo disputado pelas moças elegantes. Quando o prestigio do bôbo cresceu desmesuradamente e elle já tomava partidos como observador dos adventos que presenciava, a nobreza começava a ouvir-lo: era a unica criatura franca e verdadeira na intimidade das côrtes. Era a unica pessoa que não podia galgar posições, não podia competir com os nobres, não combatia, não conquistava, e sobretudo não traía a confiança e não se constituia em perigo á paz amorosa do barão, como o poeta.

~~Depois veio o livro Impresco e Dante podes á vontade collocar no inferno pederosos e magnatas e levar ao paraiso a mulher louvada pelos trovadores.~~ A revolução do bôbo e do poeta continuava e ainda hoje se olham os poetas como os bôbos. Tambem os bôbos são olhados como poetas.

O prestigio do bôbo e do poeta ^{Foi} ~~era~~ tão grande que S. Francisco de Assis ^{encarna} ~~quiz ser~~ o poeta das Fioretti e "jongleur" de Dieu".

Rehabilitação da mulher e prestigio do bôbo!

Vejamos que tudo tinha sido porém iniciativa do Cristianismo, pois o culto da *Virgem* era uma reabilitação da mulher e o cristão sempre tinha sido o bôbo preferido para as fêras dos circos romanos.

A Idade Media permanece tão viva que até os seus bôbos iletrados tanto quanto seus cavaleiros andantes e mesmo os mais anônimos rossinantes como as cavalgaduras prediletas de Eulenspiegel atravessaram varios cemiterios da historia da humanidade e acompanham quais sêres familiares os passos inseguros do homem de hoje. A nacionalidade de Till Eulenspiegel é disputada atualmente por varios povos, mas *si* D. Quixote, por exemplo, é racialmente hespanhol até á raiz dos cabelos, ou melhor é *pr*pria Espanha de todos os tempos, sangrenta, apaixonada, idealista, santa e eterna, Till Eulenspiegel não pertence a nenhum país, raça ou nação, mas a uma época do mundo, e pertence tanto á Idade Media quanto os santos á Igreja *Cat*ollica que é de todos.

Si o cavaleiro andante de Cervantes, mais feliz, encontrou um genio que o fez viver e o descreveu, observando-se a si proprio; o bôbo Eulenspiegel é um *prod*ucto da massa, elaboração *de* *la* a quem *atrib*uiu gratuitamente suas revoltas contra toda a sorte de potentados, sua fome, seus dramas contingentes de todos os dias, combatendo sem armas, lutando com todos os gigantes mas rindo de seus *t*iranos e vaiando seus *al*gozes como os bôbos podem fazer. D. Quixote é outra coisa: muito sisudo, muito cerebral, muito lido e guerreiro demais.

Eulenspiegel é semelhante a um D. Quixote com o estomago de Sancho Pança: as suas maiores revoltas nasceram no estomago, aliás como as da massa.

x Deante da guerra, os dois apresentam reacções diversas. Embora D. Quixote ache que "a paz é o verdadeiro fim da guerra", e não ame a guerra feita pela maquina, sem gloria e contra a sua elegancia e seus ardores de cavaleiro, a verdade é que ele é um guerreiro por vocação e por destino, dando ² a idéa ¹ mesmo de um esqueleto vestido de armadura.

Eulenspiegel veste porém os ossos com a carne sensível da plebe e algumas vezes que o puzeram na mesnada ou na torre para combater ou anunciar o inimigo elle escangalhou de tal forma a seriedade da guerra que ninguem quiz contar com elle para outras empreitadas. A visão de ambos é diferente também, pois a do bôbo é mesmo mais realista que a do fiel escudeiro de Quixote. Às portas da hospedaria até Sancho enxergou lá dentro como seu amo, principes e gentes de bem e de honra, mas Eulenspiegel mesmo distante de qualquer albergue, sente a leguas de distancia o cheiro do bife, e em vez de urdir planos de batalha para defender o frêge, architecta planos de attaque para devorar o assado.

Sem se querer armar paralfelos vê-se que as armas de um são a lança e a espada a serviço do espirito e a do outro a irreverencia e a sabedoria a serviço do estomago, da economia, da justiça, da melhor distribuição. Ambos porém possuem o culto da liberdade, o nomadismo pelos longos caminhos da terra, (que para Quixote é como a Lua), a agitação deante das paisagens do tempo. Ambos são ideologos a seu modo: Quixote desprezando o dinheiro como um utopista dos tempos de São Thomaz Morus, mas Eulenspiegel atordoado deste somido metalico que tanto preocupou depois

Leon Bloy ~~Almas e Santos~~

Cervantes mesmo sem vintem está deante da vida como um hidalgo, enquanto Malazarte Eulenspiegel com a bolsa recheiada pelas traficâncias é o são plebeu preocupado com as safadezas que a vida lhe vai armar ao fim de cada peregrinação.

Entretanto, enquanto Quixote nascido directamente do cerebro de Cervantes parece que se nos apresenta com certidão de baptismo de alguma paróquia longinqua da Espanha, Eulenspiegel documentado com a pedra de uma sepultura entre as faias centenarias de Mölln não se nos afigura flamengo ou alemão ~~ou de~~ qualquer outro povo que o reivindique para si. Mas um ser vivo de todos os folqueares, tão vivo, tão humano, tão nosso como o nosso Malazarte. A sua curiosissima historia que começa mesmo do principio, quando o bebé nem era bôbo nem sabido mas um simples anjo na terra diz que elle no mesmo dia foi baptisado tres vezes, como se verá paginas adeante. Nada mais natural que os tradutores ao tentarem uma tradução directamente de varias obras alemãs que se occupam de tão curiosa personagem e ao se occuparem da decorrente adaptação á lingua nacional, baptizem-no com o nome de seu padroeiro brasileiro - o nosso velho conhecido Malazarte. Mais uma vez está baptisado Eulenspiegel.

Jorge de Lima
Rio de Janeiro, abril de 1938

Prefacio de
Margarita